

Editorial

Desafios à prática jornalística e representações sociais nas mídias

A presente edição de **RuMoRes**, revista científica online dedicada aos estudos de comunicação, linguagem e mídias, tem a oportunidade editorial de entregar um variado conjunto de textos em torno da prática jornalística, que se espalham desde o Dossiê *Desafios teórico-metodológicos para o estudo do jornalismo*, reunindo textos apresentados no âmbito do 10º congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, àqueles do corpo da edição. Olhados em conjunto, esses artigos desafiam a prática jornalística em sua riqueza simbólica ao tentar desenhar seus contornos com outras áreas do conhecimento e com outras práticas de saber, seja na associação ou no confronto com elas.

É também a partir dos textos em conjunto que vemos emergir, saindo da especialidade do tema das pesquisas, uma noção de consolidação científica almejada para o campo comunicacional em geral. Aproveitamos então a densidade do desafio com que se apresenta esta edição para reafirmar a busca contínua, e a cada número mais realizada, de que **RuMoRes** possa consolidar um espaço para apresentação de pesquisas de excelência e para a geração de um debate de ponta no campo comunicacional.

Uma vez mais, RuMoRes apresenta, em seu Dossiê, o resultado de pesquisas consolidadas no campo da comunicação – representativas de sua variedade institucional, regional e temática – por meio da seleção qualificada de textos que dialogam diretamente entre si por terem sido pensados a partir de uma proposição comum. Inaugurando o Dossiê, portanto, temos o texto de Ângela Felippi e Ana Carolina Escosteguy buscando situar a contribuição teórica de Jesús Martín-Barbero, através do conceito de mapa noturno, desenvolvendo uma análise do jornalismo pela perspectiva dos estudos culturais. Passando

da dimensão da cultura ao estabelecimento de um contexto comunicativo, Juliana Freire Gutmann analisa especificamente os desafios impostos ao estudo analítico do telejornalismo. E, ainda, na perspectiva de como pensar a forma da coesão entre sujeitos que o jornalismo possibilita, Bruno Souza Leal e Phellipy Jácome retomam o conceito de comunidade interpretativa para observar como ocorre o processo de atribuição de valores e de construção de realidades na prática jornalística.

Entendendo que existe um desafio em estabelecer metodologias para o estudo do jornalismo como um campo específico de pesquisa e retomando o tema do telejornalismo, Fernanda Mauricio da Silva analisa a entrevista como um formato cristalizado e que encarna alguns valores profissionais, especialmente aquele da vigilância, sobre a qual a autora se dedica. E encerrando o Dossiê, Gislene Silva e Rosana de Lima Soares apresentam o método de análise de cobertura jornalística, realizando, a partir dele, um estudo sobre a tradução da doença do ex-presidente Lula na mídia como um acontecimento noticioso.

Ao longo da edição seguimos com o debate sobre o jornalismo abordando suas possibilidades textuais de modo amplo e, nesse sentido, experimentando e ampliando suas fronteiras como um campo de estudos estabelecido. A relação com processos colaborativos e com as redes sociais é analisada por Anelise Rublescki e Eugenia Barichello a partir dos webjornais *zerohora.com* e *washingtonpost.com*. Já Márcia Franz Amaral e Rejane de Oliveira Pozobon pensam a presença dos discursos de autoridade no relato jornalístico sobre catástrofes, observando especialmente uma fala despolitizada quando se trata de fontes autorizadas.

Paula Melani Rocha e Cintia Xavier debatem as especificidades do livro-reportagem assumido no campo jornalístico e discutindo suas interfaces com gêneros como o interpretativo, o investigativo e o literário. E a partir de empresas de mídia gaúchas, Viviane Borelli e Elisangela Mortari concentram-se na questão da interação entre jornal e leitor, considerando discursivamente

o estabelecimento de um pacto de leitura e especialmente a interação através do ambiente digital. A construção da imagem de um Outro, e os processos de identificação aí estimulados, é tema de Eliane de Oliveira, Renata Santos e Rosane da Silva Borges para pensar a produção do que denominam como charges informativas.

Das práticas jornalísticas, imagéticas ou textuais, passamos portanto às narrativas audiovisuais conectadas por uma questão mais abrangente dos processos comunicacionais, a problemática da relação com um Outro. Inauguramos, então, uma sequência de artigos dedicados e pensar o cinema e as narrativas sociais. Gisela Castro trata da cena urbana analisando os aspectos de sua (in)comunicabilidade, do consumo e de sua sociabilidade em tempos de uso de redes telemáticas. Maria Cristina Palma Mungioli, Ligia Lemos e Issaaf Karhawi observam a narrativa fantástica como apresentada na minissérie *A cura*, procurando a possibilidade, dentro dela, de uma identidade brasileira estética e no narrar.

No horizonte de uma perspectiva mais formal, passamos a observar a presença da canção no cinema, com o artigo de Rodrigo Fonseca analisando, a partir do conceito de ritornelo, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, sua imbricação na narrativa fílmica. E das minisséries passamos à narrativa dos documentários defendidos como método de pesquisa, com a análise de filmes de Eduardo Coutinho, por Miriam Cristina Carlos Silva.

Seguindo com a questão do dilema comunicacional em relação à figura do Outro, reunimos alguns trabalhos que tratam da imagem de sujeitos representadas e em circulação na mídia, como Outros encarnados. Tendo em vista a representação do feminino, contamos o trabalho de Gisele Dotto Reginato sobre o chamado Manifesto TPM. Já com Reia Silvia Rios Magalhães e Silva temos a circunscrição do que seriam que seriam sujeitos educacionais como emissores privilegiados para a produção de conteúdos acadêmicos em plataformas digitais. Pensando também as plataformas digitais, Thaianne Moreira de Oliveira analisa o

processo de imersão em jogos denominados como pervasivos, desafiando uma separação entre realidades e ficcionalidades.

Como bloco final de textos de nossa edição, damos vazão aos embates entre Outros, tendo como temática condutora a controvérsia pública em relação a instituições sociais, pensando em sua divulgação e circulação discursiva. Carmem Abreu analisa o discurso jornalístico sobre a instalação da Comissão Nacional da Verdade a partir das reportagens veiculadas por grandes jornais impressos brasileiros. Thales Vilela Lelo, por sua vez, concentra-se sobre as próprias narrativas midiáticas, sob uma perspectiva semiológica, como terreno onde as controvérsias públicas se dão.

O espaço público e as possibilidades de discursos afirmativos nele inseridos, como no caso das performances nos Duelo de MC's, evento inserido na cultura hip hop, são objeto de Carolina Abreu Albuquerque, observando discursos de afirmação, resistência e institucionalidade. Por fim, Camila Prado Furuzawa busca compreender a popularidade das séries policiais na televisão brasileira, considerando a programação da televisão aberta e por assinatura, observando características em relação ao formato e ao gênero.

Na diversidade profícua dos artigos apresentados – tanto em termos teóricos quanto metodológicos –, notamos a vivacidade de um campo que se renova, permanentemente, por meio do exercício da crítica midiática, tanto em termos de seus pressupostos, como de suas abordagens e objetos de análise. Convidamos os leitores a percorrerem esses intrincados trajetos, desejando a todos ótimas leituras e um excelente novo ano.

Boa leitura!

Rosana de Lima Soares e Andrea Limberto